

ESPAÇO

JORNALISTA MARTINS DE VASCONCELOS



Organização: Clauder Arcanjo

clauderarcujo@gmail.com

Malvina do Beco | (Parte 11)

JOSÉ DE PAIVA REBOUÇAS

é escritor e jornalista

josedepaivareboucas@gmail.com



O amor de Maneco e Bárbara era antigo, desde o tempo em que os meninos foram fazer faculdade na cidade vizinha. Idalina, mulher de Maneco, querendo ser rica, abandonava a funerária todo final de semana para ir visitar a família na cidade vizinha. Nem tanto por Manoel Filho ou por Izaura Neta, mas por Joaquim Sobrinho que, por essa época, ainda estava fazendo curso pré-vestibular. Por causa dessa rotina, contratou Bárbara Rossana para auxiliar na limpeza de casa enquanto o marido se dedicava aos velórios e a fiscalizar a fabricação das urnas funerárias.

Maneco foi quem provocou. Bárbara precisava do emprego e se segurou muito para não embarcar na dele. Primeiro, o homem tomava banho com a porta do banheiro aberta; depois, saía pelo quarto, com a toalha no ombro, até o quarto. Com o tempo, começou a atacar Bárbara por trás, e ela só reclamava baixinho:

— Melhor não, seu Maneco.

Com um corpo esbelto e braços fortes, Bárbara Rossana, que no documento se chamava Assis, poderia vencê-lo facilmente, se quisesse, mas preferia usar as artimanhas de mulher que trazia na genética. O jogo foi esquentando, até que o empresário começou a passar mais tempo em casa do que na rua, como era de costume.

Bárbara morreu de inveja quando Scarletti, um gay desfochado que era sua maior companhia nas noites da pequena cidade, conquistou um estrangeiro e foi levado para a Europa. De lá, voltou como Marcela Tropicale, toda transformada, com peitos, bunda, cintura e roupas de grife. Bárbara ficou muito mexida com tudo aquilo e fez o diabo para que a amiga a ajudasse na transformação. Passou a gastar o que ganha-

va nos programas e nas faxinas com hormônio feminino e injeções de silicone.

As aplicações eram traumáticas. O composto químico parecia facas cortando as entranhas. Às vezes, dava febre e um lado da bunda crescia mais que o outro.

Numa noite, Bárbara foi jogada na calçada do hospital-maternidade para morrer. O silicone industrial aplicado no corpo prejudicou a circulação e começou a provocar uma embolia pulmonar. Armando Brandão perseguia Gina pelo quarto quando chegaram gritando. A menina se escondeu e o médico foi atender ao chamado. Fez o primeiro procedimento e encaminhou a travesti para a cidade vizinha, onde tinha UTI. Voltou cinco dias mais tarde e passou quase um mês para se recuperar parcialmente. Ficou com sequelas no corpo, mas manteve os peitos e alguma silhueta.

Cansada das agressões verbais do pai, que geralmente chegava bêbado em casa depois da pescaria, Bárbara alugou um quatinho na periferia e foi à casa de Idalina para oferecer seus serviços. Foi bem recebida, mas teve de limpar a funerária e a casa, que ficava em cima da loja, para poder merecer um salário de fome. Trabalhava feito bicho em outras duas residências para poder se manter, isso até Maneco resolver sustentá-la.

Maneco tinha tomado umas quando tentou Bárbara pela primeira vez. Viu nela possibilidades distintas. Pareceu-lhe uma preta vistosa e carnuda muito mais vantajosa que as meninas de Paizinha. Foi cauteloso. Esperava o final de semana quando a mulher viajava. Sem sucesso com suas saídas do banheiro, ofereceu um extra para convencer Bárbara a fazer uma geral na marcenaria,



começando no final da tarde. Ela bem que aceitou, mas só quando o homem pagou na frente.

O dia foi comprido para Maneco, que fechou as portas assim que a faxineira chegou. Foram direto para a oficina, nos fundos da loja, onde não havia vizinhos. Ele agarrou Bárbara com fúria de faminto. Os seios dela eram duros como num sonho. Maneco enfiou-se com a maior excitação que já possuía, mas não teve como prosseguir. A travesti usou sua

força para afastá-lo bruscamente. O cenário era muito perigoso para Maneco, mas ele não ardeu nenhum centímetro. Estava destinado.

— Tem de pagar e pagar bem! — determinou Bárbara, apontando uma plina para o nariz do asanhado.

— Eu pago, quanto é?

E aí se acertaram.

O primeiro amor foi sobre o balcão de ferramentas. Bárbara o agarrou pelas costas e nunca mais

largou. Ele dizia gostar de sentir os seios da amante roçando em suas costas.

A paixão entre os dois foi ficando cada vez mais intensa, tanto que, algumas vezes, não aguentavam os finais de semana e se trançavam no quatinho de Bárbara por algumas horas. Quando Idalina anunciou que não iria mais viajar nos finais de semana, eles se aperrearam. Foi aí que surgiu o plano que garantiria suas liberdades de amantes.

De Fato.com

Um produto da Santos Editora de Jornais Ltda.. Fundado em 28 de agosto de 2000, por César Santos e Carlos Santos.

Direção Geral: César Santos

Diretor de Redação: César Santos

Gerente Administrativa: Ângela Karina

Dep. de Assinaturas: Alvanir Carlos

www.defato.com E-MAIL: redacao@defato.com

TWITTER: @jornaldefato_br

REDAÇÃO E OFICINAS: SEDE Avenida Rio Branco, 2203, Centro, Mossoró-RN — CEP: 59.063-160

TELEFONES: (084) 99836-5320 (Mossoró)

COMERCIAL/ASSINATURAS (84) 99956-4810 - (84) 99485-3685